


INSTITUTO	
	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	Estado de Minas (MG)
Data	15/11/2000 Pg 32
Class.	230

LUX JORNAL

Estado de Minas – Belo Horizonte - MG.

Pág.: 32

Publicado: 15 / 11 / 00

390	297	8097		
			230	6

Uma escola sem portas e janelas

As crianças da tribo são alfabetizadas na língua Maxakali e aprendem a preservar as tradições e cultura do seu povo

BERTÓPOLIS

PATRÍCIA PEREIRA
SUCURSAL LESTE

A língua Maxakali está salva desde que começaram a funcionar as novas escolas da aldeia. É uma escola sem portas e sem janelas, onde os índios Maxakali estudam música, religião, tradições e costumes da tribo, além do português e da própria língua Maxakali. As duas escolas, uma na aldeia Pradinho e a outra na aldeia Água Boa, nos municípios de Bertópolis e Santa Helena de Minas, no Vale do Mucuri, foram inauguradas em maio. É a segunda tribo a ver inaugurada a escola do Projeto de Criação e Implantação de Escolas Indígenas em Minas. A primeira escola foi inaugurada no início do ano, na Fazenda Guarany, em Carmésia, onde vivem índios Pataxó e Krenak.

A nova escola foi construída de acordo com o desenho proposto aos engenheiros pelos professores Maxakali, com aprovação de toda a comunidade. De dentro das salas de aula, dá para ver boa parte da aldeia, um orgulho para os Maxakali, que fizeram questão de construir a escola como as ocas: num ponto alto da área da aldeia e formando círculos.

“Aqui estamos estudando



LEONARDO MORAIS

A ESCOLA se parece com uma oca. Fica num ponto alto, de onde dá para ver toda a aldeia

sem calor para os meninos”, diz empolgado o coordenador de educação da aldeia Pradinho, Rafael Maxakali, que junto com Pinheiro Maxakali, outro professor da aldeia, foi responsável também pelos desenhos do piso da escola. Na antiga escola da aldeia Pradinho, as aulas só começavam depois que os professores olhavam para o céu procurando o sol. Somente depois que o sol se escondia por um período mais longo atrás de nuvens ou da montanha é que as aulas começavam, pois a sala era de

telha de amianto e esquentava muito durante a tarde.

As crianças da tribo são alfabetizadas na língua Maxakali e só aprendem o português a partir dos 16 anos. A maioria dos Maxakali, principalmente as mulheres, não fala o português. Dos sete professores, dois ensinam a cultura da tribo. É dessa forma que eles esperam manter a etnia, uma vez que os Maxakali resistem à aculturação no Brasil. A nova escola veio confirmar a salvação da língua Maxakali.

O Programa de Implantação de Escolas Indígenas em Minas Gerais, implantado há quatro anos, vem dando aos sete professores da aldeia todas as diretrizes para o ensino da língua. O programa faz parte de um convênio entre a Secretaria de Estado da Educação, UFMG, IEF, a administração-executiva regional da Funai em Governador Valadares e grupos indígenas. Para a elaboração e concretização dos projetos, os participantes traçaram um diagnóstico da situação educacional indígena mineira.